
O DESASSOSSEGO E O NADA: ALGUNS ASPECTOS DA IRONIA EM
FERNANDO PESSOA

ELAINE CRISTINA CINTRA*

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de examinar o exercício da ironia socrática no *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa, a partir da discussão teórica de Kierkegaard, apontando para conceitos como a negatividade infinita absoluta.

PALAVRAS-CHAVE: ironia, literatura portuguesa, Fernando Pessoa, Kierkegaard.

Em um trecho do *Livro do desassossego*, Fernando Pessoa, na voz do heterônimo Bernardo Soares, faz uma interessante citação a respeito da ironia: “O homem superior difere do homem inferior, e dos animais irmãos deste, pela simples qualidade da ironia. A ironia é o primeiro indício de que a consciência se tornou consciente” (SOARES, 1994, p. 219-220). É possível notar neste fragmento não só uma discussão a respeito do conceito de ironia, mas uma disposição irônica do pensamento, uma vez que o autor só coloca a consciência como relativamente inconsciente.

Este movimento de reverter palavras e sentidos, colocando-os em um questionamento contínuo, suspendendo pela dúvida o pensamento doxal, configura-se como um dos aspectos mais interessantes neste livro *suis generis* de Fernando Pessoa. É a partir desta problematização que pretendemos refletir sobre a efetivação do sujeito irônico no *Livro do desassossego*, analisando os caminhos teóricos percorridos pelo autor, na retomada de discussões que fundamentaram o conceito.

* Doutora em Letras e professora da Universidade Federal de Uberlândia.
E-mail: elcintra@yahoo.com



Nesse sentido, pressupomos que Fernando Pessoa realiza um diálogo crucial com a obra *O conceito de ironia* de Kierkegaard (2005), que busca revisar a ironia socrática, em diálogo com alguns ironistas românticos. Assim, estabelecer um diálogo entre Pessoa e Kierkegaard implica também refletir sobre a ressonância do pensamento filosófico do século XIX nas propostas estéticas das vanguardas do século XX, ou seja, exige discutir a forma como essas vanguardas herdaram as inquietações, dúvidas e especulações da filosofia idealista, e como as vivenciaram em uma realidade pulverizada por modificações radicalmente velozes.

Assim, o que pretendemos demonstrar aqui é que no “diário metafísico das sensações”, como os heterônimos de Fernando Pessoa chamavam esse livro, o autor realiza esteticamente o exercício socrático da ironia, uma vez que se coloca a serviço da dúvida, gerindo uma visão da realidade que se mostra desvalidada.

A nossa proposta é discorrer sobre o assunto através da dúvida, ou seja, seguindo o método de Sócrates, que estabelece um aniquilamento das certezas no sentido de realizar seu conhecido epíteto: “Só sei que nada sei”. Para isso, faremos primeiramente uma revisão da teoria em Kierkegaard, para depois verificarmos, em alguns dos trechos do *Livro* de Fernando Pessoa, como esta atitude socrática irônica se realiza.

A discussão com outros lugares teóricos, tais como a retórica e a nova retórica, a teoria do discurso de Brait, as revisões que a Pragmática elaborou sobre o assunto ou mesmo a discussão política de Hutcheon não estarão presentes neste estudo, uma vez que consideramos que, nessas obras, a visão se dá através das estratégias discursivas da ironia, e no caso de nossa proposta, pretendemos discutir o conceito de ironia como uma atitude proveniente de uma específica visão de mundo. Assim, achamos por bem, inicialmente, rediscutir a revisão conceitual que Kierkegaard efetua em sua obra, retomando alguns de seus momentos de reflexão.

O SUJEITO IRÔNICO EM KIERKEGAARD

A “impressão de um suave sussurro”: é desta forma que Kierkegaard, em 1841, apresenta a ironia em um ensaio que lhe valeu o título de mestre em teologia. Neste movimento de lusco-fusco, a ironia seduz porque apresenta as inúmeras máscaras de Proteu, e desloca-se de um ponto a outro, aniquilando a razão e as certezas.

Neste estudo intitulado *O conceito de ironia*, Kierkegaard discorre sobre a ironia socrática através da revisão do conceito em Hegel, que havia se colocado em confronto com os ironistas românticos, especialmente os irmãos Schlegel. A ironia romântica está ligada ao idealismo alemão, e propõe-se a especular sobre as relações entre o eu e o mundo, e sobre a fragilidade do caráter objetivo do mundo exterior. Assim, a situação irônica nesta concepção dá-se como um deslocamento contínuo entre sujeito e objeto, o real e o imaginário. O homem irônico romântico aspira à infinitude, confrontando um mundo cindido através da inversão de seus valores e vivendo literariamente estas contradições. Realidade e literatura amalgamam-se. A ironia romântica contesta o racional, e abole as regras da lógica, sendo considerada por Brait (1996, p. 33) “a expressão máxima do niilismo”. Muecke (1995, p. 39) aponta para esta especificidade da ironia romântica:

Vimos que o conceito de ironia se estendeu, neste período romântico, para além da Ironia Instrumental (alguém sendo irônico) até incluir o que chamarei de Ironia Observável (coisas vistas ou apresentadas como irônicas). Estas Ironias Observáveis – sejam ironias de eventos, de personagem (auto-ignorância, autotraição), de situação, sejam de idéias (por exemplo, as contradições internas inobservadas de um sistema filosófico como o marxismo) – podem ser locais ou universais. Todas elas eram desenvolvimentos principais, nada menos que o desenvolvimento do conceito de *Welt-Ironie*, Ironia Cósmica ou Ironia Geral, a ironia do universo que tem como vítima o homem ou o indivíduo. Mas Friedrich Schlegel acrescentaria ao conceito um desenvolvimento posterior e até mais radical. Com ele a ironia tornou-se aberta, dialética, paradoxal, ou “romântica”.

Schlegel coloca como situação irônica básica o fato de o homem, finito, deparar-se com uma realidade infinita. Sendo incompreensível, a realidade se dá de forma dialética, gerando em si própria a doxa e o paradoxo, fato que a arte reduplicará no artista ingênuo e no artista crítico, que produz uma obra a um mesmo tempo artificial e natural em alto sentido.

Em Hegel, esta aniquilação e perda total de unidade proposta pelos ironistas românticos é criticada, o que Kierkegaard considera uma contribuição importante para o assunto, advertindo, no entanto, que a leitura do pensador alemão foi incompleta e superficial. Na verdade, o ponto maior de discordância entre os dois autores reside justamente no fato de que Hegel nega o sujeito irônico em Sócrates. A proposta inicial de Kierkegaard, então, é justamente rever o exercício da ironia socrática, contrapondo-se ao ponto de vista hegeliano. Ao tentar traçar um panorama histórico do desenvolvimento do conceito, afirma mesmo que a discussão da idéia não tem história, uma vez que nem Fichte nem Hegel se colocaram diante do assunto, pois, por mais que o último tenha se manifestado a respeito, ele não o fez de modo muito significativo.

A primeira parte de seu ensaio destina-se a estudar o conceito de ironia no terreno do fenômeno, discutindo o que ele chama de “ponto de vista socrático”; para isso, ele confronta a leitura de Sócrates efetuada em Xenofonte, Platão e Aristófanes.

Para Kierkegaard, Xenofonte, em sua obra *Memorabilia*, apresenta Sócrates em uma “ausência de situação” (2005, p. 29), não considerando a importância das réplicas que não fluem naturalmente, mas ecoam em si mesmas:

Pois em Sócrates a réplica não estava em unidade imediata com o dito, não era um fluxo, mas um constante refluxo, e aquilo de que se sente falta em Xenofonte é o ouvido para o eco da réplica, que repercute infinitamente sobre a personalidade, como que retornando a esta (pois nos outros casos a réplica costuma ser a propagação do pensamento através de um som que avança). Pois quanto mais Sócrates minava a existência, tanto mais profundamente e mais

necessariamente cada expressão particular precisava gravitar na direção da totalidade irônica, que, como estado espiritual, era infinitamente insondável, invisível, indivisível. Este segredo, Xenofonte não conseguiu nem perceber. (KIERKEGAARD, 2005, p. 30-31)

Assim, Xenofonte não percebe a plenitude da ironia socrática, uma vez que está voltado à empiria. O diálogo platônico, por sua vez, proporia a pergunta como uma relação *negativa* (aqui no sentido hegeliano, como um momento do pensamento) com o objeto. A pergunta em Sócrates está relacionada com sua postura de se colocar como um sujeito que nada sabe, e esta peculiaridade da ironia socrática só é notada, para Kierkegaard, em Platão, quando o mesmo torna visível o ato de perguntar, ou seja, exterioriza a negatividade do pensamento como similar à positividade da resposta. A positividade no irônico residiria justamente em sua relação com a negatividade. Isto traria à pergunta um movimento concomitante de mascarar-se e desmascarar-se, de presença e ausência.

Kierkegaard apresenta o exercício irônico socrático como sutil e fugaz, jamais se colocando como tal. Ele não se revela, apenas sugere, e toma com uma mão o que é dado com a outra: “o irônico é aquele vampiro que suga o sangue do amante, e dando-lhe uma sensação de frescor com o abanar de suas asas, acalanta-o até o sono chegar e o atormenta com sonhos inquietos” (KIERKEGAARD, 2005, p. 51).

O método irônico socrático apresentaria um fim em si mesmo, o que seria uma doença e uma saúde ao mesmo tempo, já que ela libertaria “a alma dos enganos do relativo” (KIERKEGAARD, 2005, p. 74). A ironia nivela tudo, elementos opostos se identificam e tudo é reduzido a nada.

Nesse sentido, Kierkegaard afirma que, em Platão, a ironia socrática apresentar-se-ia, então, sob duas formas: a primeira como potência estimuladora, investigativa e a segunda como uma senhora que se erige a si mesma e este é um dos pontos nos quais é revisto o ponto de vista dos ironistas românticos, já que, para eles, a ironia apresenta-se em uma subjetividade mistificada.

É no segundo momento de seu ensaio, que este autor vai desenvolver melhor estas idéias. Partindo do princípio de que a ironia é “uma determinação da subjetividade” (p. 212), e de que Sócrates representaria o primeiro momento na história universal em que a subjetividade se fez valer, Kierkegaard apresenta um sujeito irônico que não só compreende o mundo, mas também o mistifica, burlando os paradigmas para revelá-los. Esta é, talvez, a principal divergência entre o pensamento de Kierkegaard e o dos irmãos Schlegel, uma vez que ele, contrariamente aos filósofos alemães, aponta para o fato de que não basta aniquilar a realidade; é necessário colocar-se em uma situação de reinício constante.

Essa possibilidade de reinício, sem se deixar dominar pela obrigatoriedade de continuidade da realidade efetiva, dá-se pela liberdade subjetiva que a ironia pressupõe, uma vez que a postura irônica seria, uma *determinação da subjetividade*:

Na ironia o sujeito está *negativamente livre*; pois a realidade que lhe deve dar conteúdo não está aí, ele é livre da vinculação na qual a realidade dada mantém o sujeito, mas ele é negativamente livre e como tal flutuante, suspenso, pois não há nada que o segure. Mas esta mesma liberdade, este flutuar, dá ao irônico um certo entusiasmo, na medida em que ele como que se embriaga na infinitude das possibilidades, na medida que ele, quando precisa de um consolo por tudo o que naufraga, pode buscar refúgio no enorme fundo de reserva da possibilidade. Entretanto, ele não se entrega a este entusiasmo, que apenas respira e nutre o entusiasmo de destruição que há nele. (KIERKEGAARD, 2005, p. 227)

A concepção irônica da História efetiva-se no sentido de revê-la como um eterno recomeço. Assim, o irônico é um indivíduo desalojado do seu tempo e Kierkegaard aponta para as reações a este divórcio entre sujeito e realidade: o indivíduo profético avista o novo à distância, pressente o futuro em traços indefinidos, mas, apesar de estar perdido na realidade a que pertence, mantém com ela uma relação pacífica; já o

herói trágico, tal como o indivíduo profético, destrói o passado, desalojando o antigo e olhando para a imperfeição do velho. O sujeito irônico, por sua vez, por perceber que o presente não está de acordo com a idéia; ao mesmo tempo que é profético, uma vez que vislumbra o futuro, é também contrário ao profético, pois se coloca contra seu tempo. O presente não corresponde à idéia de realidade de seu tempo.

O sujeito irônico redimensiona seu tempo de maneira *negativa*, já que não valida seus aportes. Ele mantém uma “independência negativa em relação a tudo”, afastando-se, em um movimento inverso ao convencional do objeto, “o que ele consegue ao tomar consciência a cada instante de que o objeto não tem nenhuma realidade” (KIERKEGAARD, 2005, p. 223). Assim, ele desmistifica a realidade.

Este método não leva a uma resposta, mas à dúvida, ou seja, a ironia socrática está fadada a chegar a um nada filosófico. Para o autor de *O conceito de ironia*, isto faria da ironia uma saúde, pelo seu caráter libertador das relatividades, mas também uma doença, pois o absoluto só lhe é agregado na forma do nada; “mas esta doença é uma febre que depende do clima, e que só raros indivíduos contraem, e mais raros ainda são os que a superam” (KIERKEGAARD, 2005, p. 74).

Podemos, então, compreender o conceito em Kierkegaard a partir da idéia de *negatividade infinita absoluta*, que o autor explica da seguinte forma:

ela é *negatividade*, pois apenas nega; ela é *infinita*, pois não nega este ou aquele fenômeno; ela é *absoluta*, pois aquilo, por força de que ela nega, é um mais alto, que contudo não é. A ironia não estabelece nada; pois aquilo que deve estabelecer está atrás dela. (KIERKEGAARD, 2005, p. 226-227)

Assim, já que a realidade não tem validade, o sujeito irônico mantém-se suspenso, embriagado no “enorme fundo de reserva das possibilidades” (KIERKEGAARD, 2005, p. 227). Mas o movimento contrário também se realiza: o sujeito irônico não mergulha na infinitude das possibilidades, mas descrê desta possibilidade.

Nesse contexto, a atitude final do sujeito irônico ditada por Kierkegaard foi vivenciada não somente pelo romântico radical, mas pelos decadentistas e outros modernos que o seguiram: para este filósofo, o tédio seria a única continuidade possível para o sujeito irônico, pois é “precisamente a unidade negativa assumida numa consciência pessoal, em que os contrários desaparecem” (KIERKEGAARD, 2005, p. 246).

O DESASSOSSEGO E O CULTO DO NADA: A ATITUDE IRÔNICA

Podemos ver refletidos nos fragmentos do *Livro do desassossego* algumas destas discussões de Kierkegaard. Acreditamos, como dissemos anteriormente, que Pessoa, nesta obra, efetiva este exercício irônico da dúvida e do nada, não só pela composição de um sujeito irônico socrático, que traz um refluxo de interrogações, mas também por uma composição vertiginosa da palavra, que conduz a própria dúvida à dúvida.

O exercício irônico, nesta obra em prosa, principia-se logo na idéia de livro que o título da obra impõe, pois apesar de escrever seus fragmentos durante toda sua vida literária, Pessoa não chegou a organizá-lo, cabendo ao leitor finalizar a montagem de um quebra-cabeça que, a cada edição, se configura de maneira diversa. O *Livro do desassossego* não é um livro, mas vários livros mutantes, possibilidade infinita de reinícios diversos, e a cada edição surgem novos trechos, ou outros são extraídos. O *Livro* de Pessoa aparece, desta forma, como um exercício concreto de palavra em exercício de perguntas e respostas.

Mas o exercício irônico, nesse livro, não se dá somente na sua configuração gráfica ou mesmo na polêmica sobre seus heteroautores. Perpassa as páginas do *Livro do desassossego* um desdobramento contínuo de indagações e conceituações, em uma espiral de reflexões, método que traz afinidade com as discussões sensacionistas de Álvaro de Campos, e que propõe um diálogo com a maiêutica socrática. Vejamos um trecho em que isso ocorre:

O homem superior difere do homem inferior, e dos animais irmãos deste, pela simples qualidade da ironia. A ironia é o primeiro indício de que a consciência se tornou consciente. E a ironia atravessa dois estádios: o estádio marcado por Sócrates, quando disse “sei só que nada sei”, e o estádio marcado por Sanches, quando disse “nem sei se nada sei”. O primeiro passo chega àquele ponto em que duvidamos de nós dogmaticamente, e todo homem superior o dá e atinge. O segundo passo chega àquele ponto em que duvidamos de nós e da nossa dúvida, e poucos homens o têm atingido na curta extensão já tão longa do tempo que, humanidade, temos visto o sol e a noite sobre a vária superfície da terra.

Conhecer é errar, e o oráculo que disse “Conhece-te” propôs uma tarefa maior que as de Hércules e um enigma mais negro que o da Esfinge. Desconhecer-se conscientemente, eis o caminho. E desconhecer-se conscientemente é o emprego activo da ironia. Nem conheço coisa maior, nem mais própria do homem que é deveras grande, que a análise paciente e expressiva dos modos de nos desconhecermos, o registo consciente da inconsciência das nossas consciências, a metafísica das sombras autónomas, a poesia do crepúsculo da desilusão.

Mas sempre qualquer coisa nos ilude, sempre qualquer análise se nos embota, sempre a verdade, ainda que falsa, está além da outra esquina. E é isto que cansa mais que a vida, quando ela cansa, e de que o conhecimento e meditação dela, que nunca deixam de cansar. (SOARES, 1994, p. 219-220)

A princípio, o que se destaca neste fragmento é o movimento de opacificação da ironia, pois o trecho apresenta uma discussão irônica sobre o homem irônico, em um processo que leva à exaustão o desdobramento do conceito. Aqui, o exercício socrático traz, além da dúvida, a dúvida da linguagem, e a ironia acaba como um fim em si mesma.

Alguns graus de ironia são levantados por Soares: primeiramente, a ironia é a consciência da consciência, e isto é duvidar de si mesma. Nesse sentido, estamos próximos da “negatividade infinita absoluta”, já que nada escapa ao exame minucioso do exercício irônico. Há um exercício amplo de dúvida: coloca-se em xeque não só a consciência

mas a própria dúvida. No primeiro momento, Soares desvela o exercício irônico socrático, já que quem sabe que não sabe prova que sabe ao menos alguma coisa. Mas isto não basta para o sujeito imbuído da negatividade infinita absoluta. É necessário que se duvide até do que não se sabe. E assim chegamos ao outro entorno da discussão.

Há, em seguida, para finalizar o trecho, uma confissão de que a própria ironia não basta, e ela se anula em seu exercício vertiginoso de aniquilamento da realidade. A teoria da ironia em Pessoa, então, acaba por chegar ao âmago da questão em Kierkegaard: nada resiste ao olhar irônico, sequer a própria ironia.

Nesse sentido, chegamos a outra proposição de Kierkegaard: o nada. O *Livro do desassossego* apresenta em seus fragmentos uma discussão a respeito dessa atitude de discordância entre realidade e pensamento do sujeito irônico. Essa postura é chamada no livro pessoano de “Estética do desalento”, e apresenta uma atitude de negação e ceticismo quanto à realidade, descrito por Fernando Pessoa a Armando Cortes Rodrigues, em uma carta de 1914, como tranqüila melancolia ou “depressão profunda e calma”.

O desalento pessoano expõe uma atitude de indiferença e impotência e, em alguns momentos, deixa entrever o tédio causado por uma realidade em que seus esforços restaram inúteis. Assim, os heteroautores do *Livro do desassossego* apresentam uma postura de indiferença, colocando em dúvida até mesmo a indiferença a si próprio:

Perante cada coisa o que o sonhador deve procurar sentir é a nítida indiferença que ela, no que coisa, lhe causa.

Saber, com um imediato instinto, abstrair de cada objecto ou acontecimento o que ele pode ter de sonhável, deixando morto no Mundo Exterior tudo quanto ele tem de real – eis o que o sábio deve procurar realizar em si próprio.

[...] O maior domínio de si próprio é a indiferença por si próprio, tendo-se, alma e corpo, por a casa e a quinta onde o Destino quis que passássemos a nossa vida. [...] (GUEDES, 1994, p. 169)

Essa postura de total aniquilamento da realidade apresentará como último recurso irônico a mentira, eterno reinício e reinvenção, também irônica, da subjetividade, já que tudo é inútil e não há continuidade:

Visto que talvez nem tudo seja falso, que nada, ó meu amor, nos cure do prazer quase-espasmo de mentir.

Requinte último! Perversão/ máxima!/ A mentira absurda tem todo o encanto do perverso com o último e maior encanto de ser inocente. A perversão de propósito inocente – quem excederá, ó [...] o requinte máximo disto? A perversão que nem aspira a dar-nos gozo, que nem tem a fúria de nos causar dor, que cai para o chão entre o prazer e a dor, inútil e absurda como um brinquedo mal feito com que um adulto quisesse divertir-se!

Não conheces, ó Deliciosa, o prazer de comprar coisas que não são precisas? Sabes o sabor aos caminhos que, se os tomássemos esquecidos, era por erro que os tomaríamos? Que acto humano tem uma cor tão bela como os actos espúrios – [...] que mentem à sua própria natureza e desmentem o que lhes é a intenção?

A sublimidade de desperdiçar uma vida que podia ser útil, de nunca executar uma obra que por força seria bela, de abandonar a meio caminho a estrada certa da vitória!

Ah, meu amor, a glória das obras que se perderam e nunca se acharão, dos tratados que são títulos apenas hoje, das bibliotecas que arderam, das estátuas que foram partidas.

Que santificados do Absurdo os artistas que queimaram uma obra muito bela, daqueles que, podendo fazer uma obra bela, de propósito a fizeram imperfeita, daqueles poetas máximos do Silêncio que, reconhecendo que poderiam fazer obra de todo perfeita, preferiram ousá-la de nunca a fazer. (Se fora imperfeita, vá).

Quão mais bela a Gioconda desde que a não pudéssemos ver! E se quem a roubasse a queimasse, quão artista seria, que maior artista que aquele que a pintou!

Por que é bela a arte? Porque é inútil. Por que é feia a vida? Porque é toda fins e propósitos e intenções. Todos os seus caminhos são para ir de um ponto para o outro. Quem nos dera o caminho feito de um lugar donde ninguém parte para um lugar para onde ninguém vai! Quem desse a sua vida a construir uma estrada começada no

meio de um campo e indo ter ao meio de um outro; que, prolongada, seria útil, mas que ficava, sublimemente, só o meio de uma estrada. A beleza das ruínas? O não servirem já para nada. A doçura do passado? O recordá-lo, porque recordá-lo é torná-lo presente, e ele nem o é, nem o pode ser – o absurdo, meu amor, o absurdo.

E eu que digo isto – por que escrevo eu este livro? Porque o reconheço imperfeito. Calado seria a perfeição; escrito, imperfeioa-se; por isso escrevo.

E, sobretudo, porque defendo a inutilidade, o absurdo [...], – eu escrevo este livro para mentir a mim próprio, para trair a minha própria teoria.

E a suprema glória disto tudo, meu amor, é pensar que talvez isto não seja verdade, nem eu o creia verdadeiro.

E quando a mentira começar a dar-nos prazer, falemos a verdade para lhe mentirmos. E quando nos causar angústia, paremos para que o sofrimento nos não signifique nem perversamente prazer... (GUEDES, 1994, p. 26-28)

A mentira aproxima a ironia da dissimulação e da poesia. Em última instância, o irônico seria, então, um poeta, pois a ironia, tal como a poesia, está a serviço não da revelação, mas é efetivada para ocultar. O irônico cria a si mesmo poeticamente, já que não pode se deixar criar por um contexto a que ele não se ajusta. Assim, o irônico triunfa sobre o mundo, alargando-o através da criação de uma outra realidade, o que também é observado por Kierkegaard (2005, p. 255):

Com efeito, se perguntarmos o que é poesia, poderemos responder com uma caracterização bem geral que ela é: uma vitória sobre o mundo; é através de uma negação daquela realidade imperfeita que a poesia inaugura uma realidade superior, alarga e transfigura o imperfeito em perfeito, e com isso atenua a dor profunda que quer escurecer tudo. Desta maneira, *a poesia é uma espécie de reconciliação*, mas *não é a verdadeira reconciliação*; pois ela não me reconcilia com a realidade em que eu vivo, com sua reconciliação não ocorre nenhuma transsubstanciação da realidade dada, e sim ela

me reconcilia com a realidade dada proporcionando-me uma outra realidade, superior e mais perfeita.

Se o poeta conseguir dominar a ironia, a ironia será dominada ironicamente, dominando, assim a realidade. Em outras palavras, através do exercício socrático da ironia, isto é, do pensamento que pergunta e duvida, a realidade pode ser apreendida, o que em Pessoa vemos através de sua busca frenética da consciência, que se expande a limites infinitos.

Assim, se Kierkegaard afirma que a ironia se coloca como a imposição de uma subjetivação, em Pessoa este sujeito irônico é um sujeito que se coloca sob uma atividade irônica de super-subjetivação, ou seja, que multiplica caleidoscopicamente uma experimentação que testa os limites até mesmo da ironia.

Assim, o *Livro do desassossego*, além de apresentar o exercício de um sujeito irônico, é também um objeto-irônico, uma vez que também procede a este deslocar contínuo, que acaba por remeter-se a si mesmo continuamente, exercendo a liberdade que só o irônico experimenta: a de testar os limites do absurdo.

“DESASSOSSEGO” AND NOTHING: SOME ASPECTS OF THE IRONY IN FERNANDO PESSOA

ABSTRACT

This work intends to evaluate the socratic irony in *Livro do desassossego*, by Fernando Pessoa, based on Kierkegaard's theory, specially the concepts of complete and infinite negativity.

KEY WORDS: irony, Portuguese Literature, Fernando Pessoa, Kierkegaard.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996. 266 p. (Coleção Viagens da Voz).

GUEDES, Vicente & SOARES, Bernardo [Fernando Pessoa]. *Livro do desassossego*. Leitura, fixação de inéditos, organização e notas Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Presença, 1990. 2 v.



GUEDES, Vicente & SOARES, Bernardo [Fernando Pessoa]. *Livro do desassossego*. Recolha, organização e notas Teresa Sobral Cunha. Prefácio Haquira Osakabe. Campinas: Unicamp, 1994. 344 p. (Coleção Viagens da Voz).

KIERKEGAARD, S.A. *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. Apresentação e tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. 2. ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005. 283 p. (Coleção Pensamento Humano).

MUECKE, D. C. *Ironia e irônico*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995. 136 p.

PESSOA, Fernando. *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*. Introdução por Joel Serrão. 2. ed. Lisboa: Inquérito, 1959. 130 p.